

**Sobe e desce:** Desemprego cai, mas trabalho informal, como o do ambulante Antônio da Silva, bate recorde

PÁGINA 25



# Com aumento da informalidade, desemprego cai

Trabalhadores sem carteira assinada e por conta própria já são 41,3% dos ocupados, um patamar recorde. Cenário levou o rendimento médio das pessoas a recuar 1% entre os meses de abril e julho

GABRIEL MARTINS  
gabriel.martins@infoglobo.com.br

A taxa de desemprego recuou para 11,8% em julho deste ano, de acordo com a Pnad Contínua do IBGE, divulgada ontem. No período de fevereiro a abril de 2019, usado como base de comparação para este indicador, o desemprego estava em 12,5%. A quantidade de pessoas sem trabalho recuou de 13,1 milhões para 12,6 milhões no período. A queda, porém, foi puxada pelo aumento da informalidade, que já atinge 41,3% da população ocupada, um recorde.

Na esteira da informalidade, o rendimento médio do trabalhador caiu 1% entre abril e julho, passando de R\$ 2.311 a R\$ 2.286. Já a massa de rendimento ficou estável. Isso se explica porque, como as vagas geradas são informais, os salários são mais baixos. Mas como há mais pessoas trabalhando, a massa salarial fica estabilizada.

Beatriz da Silva, de 26 anos, já foi frentista, mas agora vende sandálias na rua, no Centro do Rio.

— No antigo emprego eu ganhava um pouco mais que um salário mínimo. Encontrei uma saída trabalhando aqui na rua. Agora consigo ganhar mais, fazer meu horário. O único problema é que não tenho direitos trabalhistas caso aconteça algo — diz.

Segundo o IBGE, dos 93,5

milhões de brasileiros empregados, 38,6 milhões são informais. Esta parcela representa 41,3% do total de pessoas ocupadas no trimestre encerrado em julho.

Para chegar a este quadro, o IBGE consolidou os números dos seguintes grupos: empregado no setor privado (excluindo os domésticos) sem carteira assinada, trabalhador doméstico sem carteira, trabalhador por conta própria sem CNPJ, empregador sem CNPJ e trabalhador auxiliar familiar.

— O que se observa é uma transferência dentro do mercado de trabalho. As pessoas estão saindo da desocupação e migrando para a subocupação — diz Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

## CONTA PRÓPRIA RECORDE

A quantidade de brasileiros que trabalham por conta própria atingiu novo recorde na série histórica da Pnad. Na comparação trimestral de 2019, o aumento foi de 1,4%, ou 343 mil trabalhadores a mais.

Na comparação com o mesmo período do ano passado, 1,2 milhão passou a trabalhar por conta própria.

— Há mais pessoas trabalhando, o que coloca o mercado em um círculo vicioso. Mas parte expressiva desses postos está na informalidade. Dos 2,2 milhões de vagas criadas em um ano, mais de

50% são de trabalhadores por conta própria, que é a forma mais expressiva da informalidade — explica Azeredo.

Marcelo Neri, diretor do FGV Social, aponta uma certa recuperação no mercado:

## MERCADO DE TRABALHO

Em julho, em milhões

Conta própria sem CNPJ	19,420
Empregado do setor privado*	11,658
Trabalhador doméstico	4,525
Trabalhador auxiliar familiar	2,230
Empregador sem CNPJ	0,85



TOTAL DE  
**38,683 milhões**

41,3% DE UM UNIVERSO  
DE 93,584 MILHÕES

\*Sem carteira, excluindo trabalhador doméstico  
Fonte: IBGE

Editoria de Arte

— Começa a surgir uma luz no fim do túnel. Por mais que a recuperação do emprego não seja como se deseja, ela está acontecendo.

Antônio da Silva, de 44 anos, vende tapioca no Cen-

tro do Rio. Ele conta que as vendas já foram melhores, mas que, mesmo assim, é com o trabalho informal que consegue se sustentar:

— Antes eu ganhava R\$ 3 mil por mês, agora chego a

R\$ 1,5 mil. Mas é o que paga as minhas contas todo mês.

Maria Andreia Lameiras, técnica de planejamento e pesquisa do Ipea, destaca que a janela da informalidade é o caminho que os trabalhadores encontram para ter alguma fonte de renda, uma vez que não conseguem postos com carteira assinada:

— Dada a atual situação, emprego na informalidade é melhor que desemprego. As pessoas começam a ver que conseguem produzir e vender alimentos, prestar pequenos serviços. Assim, encontram na informalidade uma janela para conseguir renda.

Colaborou Amanda Pinheiro, estagiária, sob a supervisão de Gabriel Martins



Sustento. Antônio da Silva vende tapioca no Rio: "Paga as minhas contas"

## Recuperação de vagas com carteira é incerta

**O** número de empregados sem carteira assinada subiu 3,9% na comparação trimestral: de 11,2 milhões para 11,6 milhões, um recorde da Pnad Contínua do IBGE. Na comparação anual, ou seja, julho de 2019 contra o mesmo mês de 2018, o aumento foi de 5,6%, de 11 milhões para 11,6 milhões.

—Acho difícil uma grande retomada dos postos com carteira assinada, como muita gente espera. Não somente por causa de problemas ligados à macroeconomia que ainda não foram resolvidos, mas também pela tecnologia no mercado de trabalho, que tende a substituir o trabalho braçal das pessoas por máquinas e robôs — avalia Marcelo Neri, diretor do FGV Social.

### **AUTOMATIZAÇÃO**

O economista destaca que, para os próximos meses, ainda deve pesar sobre o mercado de trabalho a incerteza sobre o Brasil. Assim, a recuperação manterá um ritmo gradual.

—Além de uma tendência mundial de máquinas ocupando funções que anteriormente eram ocupadas por pessoas, o país ainda lida com o peso da incerteza. Os dados mostram que o mercado de trabalho apresenta reação, mas este movimento ainda encontra barreiras para avançar com pujança — diz Neri. *(Gabriel Martins)*